

Podemos definir educação como sendo o conjunto de todas as ações sofridas pelos indivíduos no sentido de torná-los aptos e bem-integrados à sociedade em que vivem. Para tanto, devem eles receber uma escala de valorização social, uma concepção completa de vida, uma ética e uma moral que correspondam aos conceitos e critérios sociais de uma determinada época, que é a sua.

Assim, cada indivíduo deve valorizar e ser valorizado, utilizar e ser útil, agir e comportar-se de acordo com estes critérios de valorização e utilidade. Perante o mundo da natureza e dos homens, cada qual, com os instrumentos pessoais e que as condições da época lhes põe à disposição, deverá estar capaz de encontrar um lugar para si.

Preparando o homem para as relações com a natureza e com os demais homens, toda a educação, além de um fato social, é também uma função social. Pois, além de desenvolver dentro dos agrupamentos humanos, ela visa e atinge os componentes deste mesmo agrupamento.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE : Tendo por objetivo preparar o homem para sua vida em conjunto e em relação com outros homens, a educação evidencia seu caráter político. Só podemos conceber indivíduos integrados em determinado grupo social, no momento em que os mesmos aceitam e reconhecem como verdadeiras e certas as suas estruturas, a sua concepção de vida, e a sua escala de valores.

A educação visa a sociedade no seu movimento histórico, acompanhando-a nele, aceitando e tornando seus os valores novos que cada forma de sociedade traz em si. Assim sendo, a educação forma indivíduos para uma determinada estrutura social, que com sua escala de valores e conceitos sobre os fatos da vida, constituem uma concepção política determinada.

Assim como não aceitamos a existência de formas sociais definitivas, negamos também a existência de valores sociais absolutos. Cada forma social, ao nascer, traz consigo novos valores e ao desaparecer, leva os mesmos consigo, tornados já arcaicos e deixando lugar aos que a sociedade nascente carrega em seu seio.

As escolas educacionais gerais, que existiram em todas as épocas, e tão frequentemente na nossa, que pretendem educar para valores absolutos, gerais, nada mais fazem do que educar para os valores correntes de sua época. São movimentos conservadores, que pretendem através da perpetuação de seus valores, perpetuar determinada forma social.

Mesmo aqueles movimentos modernos, que pretendem ter encontrado a origem dos males sociais em erros ou deficiências da educação, orientando sua ação no sentido de formar "homens melhores", nada mais fizeram do que desviar a atenção da sociedade das verdadeiras origens dos seus problemas, que se encontra fora de cada homem isolado, mas na relação entre eles.

EDUCAÇÃO E CLASSES : Com a divisão da sociedade em classes, cada uma delas passou a desempenhar um papel social próprio e diferente do da outra. Interesses e desejos se chocavam, e cada qual encarava a sociedade e seus fenômenos, de acordo com a posição que ocupava dentro dela.

A escala de valores e os critérios sociais passaram a ser diversos, não somen-

em diferentes estágios sociais, mas dentro de uma mesma época, segundo os interesses de uma classe e outra, de manter ou destruir a estrutura social e suas manifestações. A classe dominante justamente com o poder político, tomou em suas mãos a orientação educacional, percebendo o poderosíssimo papel que ela poderia representar como fator de conservação ou de transformação social.

E a educação passou a ser, também, um forte instrumento de dominação da classe poder. Por outro lado, os movimentos revolucionários utilizaram-se dela como instrumento de formação de homens para a luta pela revolução social, formando-os dentro de seus novos conceitos, opostos aos da classe dominante.

Desta forma, de acordo com os objetivos e valores que transmite, a educação passa a ter um caráter conservador ou revolucionário, conforme pretendessem apoiar ou combater os valores da classe no poder, educar homens para manter ou transformar o regime social vigente.

A sociedade burguesa não foge a este panorama, mas ao contrário, acentua-o e o torna expressão mais extrema. Duas concepções de vida, duas escalas de valores, quebram suas espadas numa luta violenta como a que é travada diariamente, em todo o mundo, nas ruas e nos lugares de trabalho, entre a classe dominante, que quer cada vez ser mais dominante, e a dominada que quer abolir de uma vez, toda forma de domínio.

O bem para o burgues está em vender a mercadoria a preço certo, em que seus operários trabalhem o máximo recebendo o salário mínimo, que ele conheça e frequente o "grande Mundo" das artes e culturas, dos povos estranhos e de terras longínquas, enquanto o operário fique preso à máquina, que lhe esgota as forças vitais, mas que são a sua única fonte de sustento; que seus filhos estudem mais de uma dezena de anos para se tornarem patrões, enquanto que os filhos de seus operários, mal aprendem a soletrar o alfabeto e executar as quatro operações elementares, sejam arrancados para trabalhar nas fábricas do lado de seus pais.

E o mal para o burgues está nos protestos e nas greves, no distúrbio à ordem e na violência. Sua escala de valores baseia-se na quantidade de dinheiro que cada um possui e é ela que determina a posição do indivíduo na sociedade.

A esta, outra concepção se antepõe que é a da classe oprimida ou daqueles que se identificam com sua causa. Em sua concepção, o mal está na exploração e no domínio de um homem para homem e o bem na igualdade econômica, na divisão das riquezas sociais entre os indivíduos que as criam, na igualdade de oportunidade a todos os indivíduos. Sua escala de valores se baseia na medida em que cada indivíduo dá de si próprio para o benefício geral.